

A IDADE DA TERRA / 1980

Um filme de Glauber Rocha

Realização: Glauber Rocha *Argumento:* Glauber Rocha / *Direção de fotografia:* Roberto Pires, Pedro Moraes, Roque Araújo / *Cenografia:* Paula Gaetan, Paul William / *Som:* Sylvie de Alencar / *Música:* Rogério Duarte, Orquestra Mística da Bahia, Nana, Villa-Lobos / *Montagem:* Carlos Cox, Raul Soares, Ricardo Miranda / *Interpretação:* Maurício do Valle (John Brahms), Jece Valadão (Cristo Índio), Norma Bengell (Rainha das Amazonas), Antonio Pitanga (Cristo Negro), Tarcísio Meira (Cristo Militar), Geraldo Del Rey (Cristo Guerrilheiro), Ana Maria Magalhães (Aurora Madalena), Danuza Leão (Mulher Morena), Carlos Petrovich (O Diabo), Mário Gusmão (Babalaô), Paloma Rocha.

Produção: Embrafilme, Glauber Rocha Comunicações Artísticas (Brasil, 1980) / *Produtor:* Wilson Mendes de Andrade Filho / *Produtor Executivo:* Carlos Alberto Diniz / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, 149 minutos / *Estreia mundial:* agosto de 1980, Festival de Veneza / *Inédito comercialmente em Portugal / Reposição em cópia digital:* 27 de maio de 2009 e, de novo, 22 de fevereiro de 2023 (Nitrato Filmes) / *Primeira apresentação na Cinemateca:* outubro de 1981, “Seleção de filmes do 10.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz”.

NOTA: durante a produção de **A Idade da Terra**, Glauber Rocha desenvolveu o projeto em tomos independentes que poderiam ser intercambiáveis. Mais tarde, deu uma forma “definitiva” ao filme. Contudo, em diversas entrevistas (e mesmo nos documentos de trabalho) referiu que a ordem dos rolos deveria ficar ao critério do projecionista. A ordem “habitual” com que o filme costuma ser exibido inicia-se com o nascer do sol sobre o Palácio da Alvorada e termina com a sequência no Maracanã, contudo o convite à aleatoriedade da projeção tem respaldo na ausência de genérico de início ou fim (a cópia da coleção da Cinemateca tem a ponta de início com o logo da instituição e uma ponta de fim que terá sido acrescentada pelo distribuidor – nenhuma delas será exibida). Na sessão de hoje, a primeira – na Cinemateca – que desorganiza a ordem dos rolos, seguir-se-á o alinhamento definido pelos projecionistas Rodrigo Pereira e Samuel Andrade.

Em 1981, depois de uma breve estadia em Portugal, Glauber Rocha morreria de estranha morte. Há quem diga que, simplesmente, deixara de viver. E sendo **A Idade de Terra**, o seu último filme é inevitável que se veja nele uma forma de testamento. É bom estar em guarda contra estes reflexos, mais eu menos condicionados pelas obras-primas que os grandes realizadores nos deram em fim de carreira. Porque **A Idade da Terra** (independentemente da opinião que, pessoalmente, cada um possa ter), será tudo menos um testamento. É um balanço, é um manifesto, é outra ruptura que marca a abertura para uma nova fase da obra do autor se tivesse vivido. No seu significado e destino o único paralelo é com Pasolini e **Salò**.

Na obra de Glauber Rocha ele representaria outro salto qualitativo como o que foi dado por **António das Mortes e Câncer**, com a vantagem de ter reunido numa única obra novas experiências que se dividiam por aqueles dois filmes. Levado pela febre de interrogar o cinema em todas as suas formas e em todos os seus elementos, Glauber Rocha procede, ao nível formal, à construção de um “anti-filme”, em que a estrutura narrativa clássica é constantemente, e em cada plano, posta em causa, e onde, como em **Di Cavalcanti**, o próprio autor interfere, participa da diegese, dando ordens e ensaiando, dirigindo o “olhar” da câmara. E a ruptura vai ao ponto de nalguns dos planos-sequência se proceder mesmo aos ensaios de luz, com diferentes aberturas de diafragma, enquanto o “actor” repete o seu texto, e de recusar liminarmente a utilização de qualquer genérico tanto de abertura, como de fecho.

Antes de ruptura, **A Idade da Terra** é, porém, um filme balanço, ao longo do qual acompanhamos a própria, transformação da estética de Glauber Rocha, e das influências que sofreu. Um olhar atento descobre uma espécie de “revisão” pelo autor dos seus filmes anteriores, desde **Barravento**, na sequência da praia e dos

baptizados, no misticismo da cena em que participa o próprio Glauber, ou na figura do Cristo negro que radicaliza o deus negro Aruan do primeiro filme. Mesmo a sequência de abertura, aquele longo plano de quatro minutos que acompanha a aurora tem a sua matriz neste “primitivo” filme de Glauber Rocha. E o “duelo” com o guerrilheiro não é outra coisa do que a depuração de um duelo já por si encenado de forma ritual no outro filme de ruptura: **António das Mortes**. Deste filme, como de **Deus e o Diabo na Terra do Sol** extravasa a mística do sertão e dos seus rebeldes, cangaceiros e fanáticos como António Conselheiro, que vêm contaminar o próprio espaço urbano de Brasília. E, na forma como a câmara participa nas multidões, deixando-as exprimir-se livremente sem qualquer tipo de orientação, **A Idade da Terra** prolonga as experiências feitas mais ou menos de improviso em **Câncer**.

Em texto publicado no catálogo de 1981 sobre Glauber Rocha, o psicanalista Eduardo Mascarenhas diz, referindo-se a **A Idade da Terra**: “O sonho de Glauber consiste em decifrar este gigantesco sonho social chamado Brasil. Quer tornar consciente o inconsciente brasileiro, surpreender o que é isto – a brasilidade. Noutras palavras: descobrir o que há de singular e específico nesta terra que a distinga de todas as outras terras”. E este desejo, Glauber Rocha perseguiu-o em todos os seus filmes, mesmo naqueles feitos num tempo em que andou exilado. De **O Leão das Sete Cabeças** a **Claro**, o que passa, para além duma manifestação de originalidade estética, é a vontade de equacionar problemas que têm também a ver com a situação política e económica do Brasil (é mesmo neste período, em 1973 e 1974, que realiza em Havana sua **História do Brasil**). E é este profundo sentimento nacionalista de Glauber, esta paixão febril por tudo o que diz respeito à sua terra que pode explicar algumas das atitudes contraditórias e contestadas, especialmente a sua reviravolta em relação à política do presidente Figueiredo que sem dúvida condicionou a opinião de muitos dos que viram **A Idade da Terra**, onde em *off*, no final, o realizador afirma: “*Existirá uma síntese dialéctica entre o Capitalismo e o Socialismo. Estou certo disso*”.

A abordagem de **A Idade da Terra** nem sempre é fácil. Isto porque não existe, como em todos os filmes de Rocha posteriores a **António das Mortes**, uma narrativa linear, uma ficção. O que se destaca é o debate de ideias não só pelo discurso objectivo dos participantes como pela própria encenação. Desta forma, **A Idade da Terra** pode surgir como o herdeiro ideal da teoria de Eisenstein (um dos cineastas que mais marcaram o realizador). Há da parte do autor de **O Couraçado Potemkine** uma afirmação célebre que diz respeito à adaptação de *Das Kapital* de Karl Marx ao cinema (e que foi mesmo um dos seus projectos), na qual se refere que tudo pode ser transformado em imagens, mesmo o texto e as ideias mais abstractas. **A Idade da Terra** é isso mesmo: um puro cinema de ideia, discurso em imagens da “brasilidade”, do “tropicalismo” e um poderoso manifesto anti-colonialista.

Manuel Cintra Ferreira